

## Estudios

### **Papa Francisco e o pensamento decolonial Uma voz do Sul do mundo**

MARCIA KOFFERMANN

*Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora – São Paulo – (Brasil)*

marciak27@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-1689-1509>

*Resumen:* Este artículo estudia el magisterio del papa Francisco en confrontación con el pensamiento decolonial latinoamericano. A partir de las bases epistemológicas que emergen del contexto latinoamericano, a través de pensadores como Educardo Restrepo, Axel Rojas, Erick Torrico Villanueva y Catherine Walsh, se analizan dos encíclicas y dos exhortaciones apostólicas de Francisco. El objetivo es identificar cómo y de qué manera el pensamiento del Papa está influenciado por el pensamiento decolonial. La elección por la figura de Francisco se debe a que, viniendo de Sudamérica, dada su experiencia de vida y la formación que recibió puede ser considerado una voz activa, a nivel mundial, en favor de las periferias del mundo.

*Palabras clave:* pensamiento decolonial, papa Francisco, colonialidad, epistemologías del Sur, diálogo

*Abstract:* Given his life experiences and the formation he received as a native of South America, Pope Francis can be considered an important voice for the peripheries of the world at the global level. How and in what ways has that voice been influenced by decolonial thought? This article attempts to answer those questions by analyzing Pope Francis's magisterium in dialogue with Latin American decolonial thought. Toward that end, two of the pope's encyclicals and two apostolic exhortations are examined. They are analyzed according to the epistemological bases that emerge from the Latin American context through thinkers such as Educardo Restrepo, Axel Rojas, Erick Torrico Villanueva, and Catherine Walsh.

*Keywords:* decolonial thought, Pope Francis, coloniality, epistemologies of the South, dialogue

O presente estudo se propõe a analisar a forma como o pensamento decolonial influencia a reflexão e a prática de papa Francisco, já que este provém de um contexto latino-americano. O texto apresenta inicialmente uma breve biografia de Jorge Mario Bergoglio, que permite compreender a sua relação com a realidade colonial e neocolonial da América Latina. Num segundo momento, são apresentadas as bases do pensamento decolonial e a influência deste pensamento sobre a Teologia e que fundamentarão a análise do magistério do papa Francisco. Por fim, são escolhidos quatro documentos fundamentais de seu magistério que apresentam como que uma síntese de seu posicionamento diante da realidade mundial.

A análise discursiva dos escritos do papa Francisco será orientada para a forma como concebem os sistemas de relações centro-periferia, Norte-Sul, dominantes e dominados. Embora seja dado um maior enfoque aos aspectos comunicacionais que aparecem em seus escritos, essa dimensão será analisada em consonância com outros aspectos que permeiam e sustentam os sistemas de colonialidade.

A escolha pela figura de papa Francisco deve-se ao fato de que é uma das lideranças globais mais significativas no mundo de hoje e, sendo de origem latino-americana, pode representar uma voz ativa no sentido de crítica e denúncia dos sistemas de exploração e dominação, e, ao mesmo tempo, influenciar positivamente nas escolhas e práticas desenvolvidas pelas nações e organismos internacionais em favor da humanização da sociedade.

## **1. PENSAMENTO DECOLONIAL NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO**

Para realizar a análise do pensamento decolonial no magistério do papa Francisco serão desenvolvidos quatro aspectos: primeiramente a contextualização e compreensão de quem é o papa Francisco, num segundo momento, são apresentados os conceitos básicos do pensamento decolonial com base nos escritos de teóricos latino-americanos, num terceiro momento é apresentada a relação entre pensamento decolonial e a Teologia, e num quarto momento, serão

confrontados os escritos do papa Francisco como a base epistemológica do pensamento decolonial.

### 1.1. *Um Papa do Sul do mundo*

Após a inesperada renúncia do papa Bento XVI, em 2013, assume a liderança da Igreja Católica no mundo, o Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, com o título de Francisco. É o primeiro papa de origem latino-americana da história da Igreja e porta consigo uma experiência pastoral urbana do Sul do mundo, que nenhum outro papa da atualidade teve a oportunidade de viver.

Bergoglio nasceu em 1936, na capital argentina, filho de imigrantes italianos, foi diplomado em Química e em 1958, entrou para o Noviciado da Companhia dos Jesuítas. Ele iniciou seus estudos de doutorado na Alemanha, mas não os continuou. Atuou como Mestre de Noviços, pároco, reitor de Colégio e Faculdades. Foi provincial dos jesuítas na Argentina, Bispo e arcebispo de Buenos Aires, Presidente da Conferência Episcopal da Argentina e foi criado cardeal em 2001.

Sua grande experiência pastoral permitiu exercer diferentes funções e estar em contato direto com a realidade do povo de periferia, excluído e marginalizado. Relata Carletti:

Frequentemente, de ônibus ao invés que de carro, visitava as villas (os bairros mais pobres na grande Buenos Aires), participando das reuniões dos padres que trabalhavam com os mais pobres. Parava para conversar com os cartoneros, os que recolham o lixo na cidade de Buenos Aires. Bergoglio sentiu na pele os grandes problemas de uma metrópole com seu pluralismo cultural e suas contradições<sup>1</sup>.

Essa perspectiva geográfica diferenciada que o papa Francisco traz consigo resulta em consequências diretas para a forma como exerce o seu ministério, influenciando na escolha de suas pautas, posicionamentos, reflexões e críticas. Num primeiro momento, pode-se observar uma mudança estrutural em nível de Igreja Católica, o que pode ser identificado pela reforma da Cúria Romana e também pela escolha das pessoas para assumir cargos de responsabilidade. É o Papa

---

<sup>1</sup> A. CARLETTI, "Do centro às periferias: o deslocamento ideológico da diplomacia da Santa Sé com o Papa Francisco", *AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations* 4/7 (2015) 218-239, 223.

que criou o maior número de cardeais não europeus, dando muito destaque à América latina, onde se concentra a maior parte dos católicos de hoje. Além disso, o papa Francisco tem aberto espaço para uma maior participação das mulheres, inclusive assumindo funções de importância na Cúria Romana<sup>2</sup>. Sua primeira viagem apostólica foi à Ilha de Lampedusa, conhecida como uma rota de morte percorrida por tantos migrantes. Ali o Papa já fez referência ao grande problema a ser enfrentado hoje, dizendo: “A globalização da indiferença torna-nos a todos «inominados», responsáveis sem nome nem rosto” (EG 8). Nas viagens realizadas durante seu pontificado também tem dado preferência para os países do Sul do Mundo e mesmo nas viagens pelo continente europeu vem priorizando o contato com as periferias de cada país.

Num segundo momento, é importante destacar o magistério do papa Francisco, que traz para a discussão os grandes problemas da atualidade, especialmente no que se refere à crítica ao sistema neoliberal tecnocrata, excludente e gerador de inúmeras crises humanitárias e ambientais. Os discursos do papa Francisco não se restringem ao âmbito religioso, mas numa perspectiva de complexidade, denunciam as estruturas de dominação existentes e convidam a comunidade internacional a pensar e agir a partir de novos pressupostos epistemológicos, levando em consideração o Sul do mundo.

Sendo uma liderança em nível global, o papa Francisco não é apenas um chefe religioso, mas é também um chefe de Estado, contando com representantes diplomáticos em 177 países e tendo uma voz ativa em

---

<sup>2</sup> Em janeiro de 2020 nomeou Francesca Di Giovanni como subsecretária na Seção para as Relações com os Estados; em 2021 foi nomeada a Irmã Raffaella Petrin para um cargo no Governatorato da Cidade do Vaticano, a Irmã Nathalie Becquart, religiosa francesa das Irmãs Missionárias Xavierianas, subsecretária do Sínodo dos Bispos, e irmã Alessandra Smerilli, das Filhas de Maria Auxiliadora, subsecretária do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Em 2022, entre os 14 novos membros do Dicastério para os Bispos, nomeou, Irmã Raffaella Petrini, Irmã Yvonne Reungoat, ex-superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas); e a leiga Maria Lia Zervino, Presidente da União Mundial das Organizações de Mulheres Católicas.

importantes organismos internacionais<sup>3</sup>. Nesse contexto, representa a possibilidade de dar visibilidade a muitas realidades esquecidas pelas grandes mídias e pelas grandes potências mundiais, provocando debates, reflexões, políticas e ações que de outra forma não seriam possíveis. Do ponto de vista latino-americano, é muito interessante uma análise discursiva de seus documentos, a partir de uma ótica do pensamento decolonial, tão importante e atual para afrontar os grandes problemas globais de hoje.

### 1.2. O pensamento decolonial

A análise proposta nesse artigo, parte do pressuposto de que há uma diferença entre colonialismo e colonialidade. Conforme Restrepo e Martínez<sup>4</sup>, no contexto latino-americano, o termo colonialismo “refere-se ao processo e aos aparatos de dominação política e militar que são utilizados para garantir a exploração do trabalho e da riqueza das colônias em benefício do colonizador”<sup>5</sup>. Em contraste, o termo colonialidade é mais amplo, referindo-se ao fenômeno complexo que se iniciou com o colonialismo, mas que se estende até os dias de hoje e “se refere a um padrão de poder que opera por meio da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, possibilitando a reprodução de relações de dominação”<sup>6</sup>.

Dessa forma o pensamento decolonial se refere aos aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos que perpassam a realidade latino-americana e de uma forma mais ampla, do que se compreende como Sul do mundo. O pensamento decolonial também está relacionado com as bases epistemológicas que legitimam o conhecimento e que sustentam o modo de pensar, agir e interagir em sociedade. Para Villanueva, a decolonialidade é “tanto o horizonte de compreensão crítica da realidade social a partir da história concreta

---

<sup>3</sup> Cf. A. CARLETTI, “Do centro às periferias”.

<sup>4</sup> E. RESTREPO – A. MARTÍNEZ, *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos* (Universidad del Cauca, Popayán 2010) 240.

<sup>5</sup> E. RESTREPO – A. MARTÍNEZ, *Inflexión decolonial*, 15.

<sup>6</sup> E. RESTREPO – A. MARTÍNEZ, *Inflexión decolonial*, 15.

dos povos subordinados ao domínio colonial e neocolonial, quanto o desafio epistemológico e político libertador que emerge dessa visão”<sup>7</sup>.

Nessa perspectiva, a decolonialidade não é apenas uma crítica ao sistema de dominação e suas estruturas sociais vigentes, mas é também uma corrente de pensamento propositiva que evidencia uma nova forma de pensar e posicionar-se. Para Walsh<sup>8</sup>, trata-se de “visibilizar, confrontar e transformar as estruturas e instituições que posicionam diferencialmente grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo e ainda, é racial, moderna e colonial”. Para a autora, isso quer dizer, um processo de “descolonização das mentes” que gradualmente possibilitará a transformação das estruturas sociais, políticas e epistêmicas que regem a atual sociedade.

Sob o viés comunicacional, considera-se que o processo de colonização se deu de forma violenta, entre os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, classificados como inferiores, por isso, silenciados, marginalizados e desconsiderados em sua cultura, modo de ser, de comunicar-se, de relacionar-se. Essa relação Norte-Sul, conforme Villanueva<sup>9</sup>, é marcada pela não-comunicação ou in-comunicação que resulta na desumanização dos dominados. O “Outro” não reconhecido em sua humanidade é instrumentalizado, controlado, não reconhecido enquanto sujeito e seu saber é considerado inferior e insignificante.

É a partir dessa base epistemológica que se propõe uma leitura do pensamento do papa Francisco, que pode ter uma grande contribuição no sentido de proposição de políticas de decolonialidade em nível global, visto que sua ação e seu pensamento têm uma repercussão significativa em todo o mundo.

---

<sup>7</sup> E. VILLANUEVA, “La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente”, *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* 15/28 (2018) 72-81, 74.

<sup>8</sup> C. WALSH, “Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad”, *Signo y pensamiento* 24/46 (2005) 39-50, 47.

<sup>9</sup> E. VILLANUEVA, *Comunicación (re)humanizadora: Ruta decolonial* (CIESPAL, Quito 2022) 220.

### 1.3. *A teologia numa perspectiva decolonial*

Embora durante o período colonial, muitas vezes, a Igreja Católica tenha servido como instrumento de colonização europeia, houve também muitos religiosos que se posicionaram e lutaram ao lado das populações colonizadas e marginalizadas. No século XX, de uma forma especial, a Igreja Católica, mas não só, vê emergir uma teologia nascida na América Latina, que assume de forma mais explícita uma postura crítica em relação à sociedade e à própria forma de evangelizar.

Desse modo, assim como outras áreas do saber, a teologia vem sendo interpelada pelo pensamento decolonial a ouvir as massas secularmente silenciadas que ecoam no Sul do mundo. Há muitos anos, não só teólogos americanos, mas também africanos e asiáticos, têm refletido sobre o pensamento teológico cristão na perspectiva dos povos dominados, excluídos e silenciados ao longo tempo. De acordo com Carlos Alberto Motta Cunha:

Como movimento emergente, de regiões do planeta que foram exploradas, a teologia em perspectiva decolonial, em suas várias expressões, propicia uma intelecção da fé criativa, contrária ao pensamento hegemônico e ao seu ideal de progresso, empenhada em manter a sua verdade dialógica e inconclusa<sup>10</sup>.

Vale a pena destacar aqui as teologias da libertação em suas mais diversas linhas de aprofundamento, seja em relação aos povos indígenas, aos camponeses, aos operários, às mulheres, aos negros, entre outras categorias de grupos marginalizados. O continente latino-americano tem sido um terreno fértil para o desenvolvimento de uma teologia de fronteira que tem como objetivo “habitar a margem e se nutrir do diálogo entre os diferentes, os excluídos, com o cuidado de não cair na imposição das ideologias”<sup>11</sup>.

Conforme Renato Almeida de Oliveira, uma diferença significativa da teologia da libertação, é que não apenas as culturas de matrizes ameríndias ou africana podem receber a mensagem das religiões

---

<sup>10</sup> C. CUNHA, “Teologia e pensamento decolonial”, *Interações* 16/1 (2021) 132-148, 138.  
DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2021v16n1p132-148>.

<sup>11</sup> C. CUNHA, “Teologia e pensamento decolonial”, 141.

cristãs, “estas também podem aprender com as religiões de matrizes não cristãs. [...] É o que ocorre, por exemplo, com a questão ambiental, com o respeito à natureza”<sup>12</sup>.

Ao longo de sua evolução e capilaridade, a teologia da libertação, movida por uma profunda espiritualidade que vê em Cristo, o pobre de Nazaré, o rosto estampado do povo marginalizado e esquecido, vai assumindo diversas vertentes. Conforme Francisco das Chagas de Albuquerque:

Se no primeiro momento, a teologia latino-americana da libertação, em sua vertente, por assim dizer, clássica, representada por G. Gutiérrez, Hugo Assmann, Jon Sobrino, entre outros, primou pela ênfase no econômico e político, cuja situação era gritante, hoje ela procura renovar-se acentuando a alteridade, a diversidade étnica, as minorias sociais e o pluralismo cultural, além da questão ecológica<sup>13</sup>.

Assim, a teologia da libertação, enquanto perspectiva decolonial, opõe-se ao modelo eurocêntrico, assumindo o conceito de periferia<sup>14</sup>, que leva em consideração o lugar político, social, cultural e geográfico em que se encontram as diversas categorias de pobres e excluídos. A teologia da libertação, movida pelo viés da decolonidade, abre espaço para pensar teologicamente a forma como os homens e mulheres de hoje podem viver plenamente “sua humanidade, sua cidadania e suas espiritualidades de forma coerente na sociedade atual”<sup>15</sup>, tendo presente e dando centralidade aos que estão em situações periféricas físicas e existenciais.

O papa Francisco é indiretamente influenciado pela teologia da libertação, já que ele se sentiu interpretado pelo ramo argentino, conhecido como teologia do povo, da qual um dos principais expoentes é o jesuíta e antigo professor de Bergoglio, Juan Carlos

---

<sup>12</sup> R. DE OLIVEIRA, “Teologia da libertação e a resistência aos efeitos do colonialismo na América Latina”, *Revista de estudos decoloniais* 1/1 (2021) 8. DOI: <https://doi.org/10.56814/red.v1i1>.

<sup>13</sup> F. DE ALBUQUERQUE, “Decolonialidade e libertação da teologia na América Latina: da libertação à decolonialidade”, *Perspectiva Teológica* 51/3 (2019) 555-574, 569.

<sup>14</sup> Cf. F. DE ALBUQUERQUE, “Decolonialidade e libertação da teologia na América Latina”, 570.

<sup>15</sup> F. DE ALBUQUERQUE, “Decolonialidade e libertação da teologia na América Latina”, 572.

Scannone. A teologia do povo se inspira numa hermenêutica teológica alternativa, que coloca a sabedoria do povo e a religiosidade popular no centro. Cultura, inculturação e piedade popular são elementos fundamentais dessa vertente da teologia da libertação que está na base do pensamento do papa Francisco.

## 2. A LEITURA CRÍTICA DE MUNDO DE PAPA FRANCISCO

Embora seja um líder religioso, o papa Francisco não se restringe aos aspectos religiosos e teológicos do mundo católico, mas tem se posicionado sobre os grandes problemas da humanidade, questionando as estruturas e os sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais que perpassam o mundo globalizado. Tomando como princípio as bases epistemológicas do pensamento decolonial, serão analisados alguns documentos mais significativos de seu pontificado: as exortações apostólicas *“Evangelii gaudium”* (EG), de 2013, e *“Querida Amazônia”* (QA), de 2020; e as encíclicas *“Laudato si”* (LS) de 2015, e a *“Fratelli tutti”* (FT), de 2020.

Numa primeira análise dos quatro documentos, é possível identificar a frequente recorrência ao problema da colonialidade, no sentido de crítica à sociedade capitalista, neoliberal e pautada no pensamento tecnocrático. A questão da dominação e exploração que se manifesta sob múltiplos aspectos é constantemente abordada pelo Papa. Na tabela 1 (página seguinte) é possível verificar a insistência do Papa em relação à questão da decolonialidade, o que se dá por meio do número de vezes que repete algumas expressões e termos.

A palavra pobre ou pobreza é citada 240 vezes, direitos é citada 159, liberdade e libertação é citada 110 vezes, casa comum ou bem comum é citada 97 vezes, já consumo e consumista é citada 93 vezes. Também as palavras consciência (81 vezes), domínio/dominar (57 vezes), excluir/excluídos, marginalizados/marginais/ marginalização (52 vezes), mercado e injustiça (41 vezes), entre outras, são frequentemente citadas e demonstram a preocupação com as periferias do mundo de hoje.

<b>Tabela 1 - Análise discursiva dos documentos de papa Francisco</b>					
<b>Expressões recorrentes</b>	<i>Evangelii gaudium</i>	<i>Querida Amazonia</i>	<i>Laudato si</i>	<i>Fratelli tutti</i>	<b>Total</b>
Pobre/pobreza	84	26	64	66	<b>240</b>
Direitos(s)	23	13	28	95	<b>159</b>
Liberdade/libertação	15	12	29	54	<b>110</b>
Casa Comum/bem comum	17	4	41	35	<b>97</b>
Consumo/consumista/consumismo	12	9	62	10	<b>93</b>
Consciência	20	6	36	19	<b>81</b>
Domínio/dominar	7	1	38	11	<b>57</b>
Excluir/excluídos; Marginalizados/marginais/marginalização	13 + 3	4	12 + 3	14 + 3	<b>52</b>
Mercado	9	1	11	20	<b>41</b>
Injustiça	7	7	8	19	<b>41</b>
Individualista/individualismo	15	4	6	15	<b>40</b>
Índigenas	2	32	2	3	<b>39</b>
Comunicação	11	4	7	14	<b>36</b>
Desigualdade	11	2	6	10	<b>29</b>
Exploração/explorar	3	5	13	6	<b>27</b>
Periferia(s)	9	3	2	2	<b>16</b>
Paradigma Tecnocrata/tecnocrático	--	1	10	2	<b>13</b>
Colonização/colonial	--	10	--	1	<b>11</b>
Manipulação/manipular	2	1	3	5	<b>11</b>

Complementando a análise da tabela, na figura 1 é possível identificar, por meio da nuvem de palavras, o núcleo semântico a partir do qual fala o papa Francisco. Como se pode observar, as questões relativas à pobreza, exclusão, dominação, manipulação e bem comum ocupam um espaço especial em seu pensamento. Seus discursos partem do olhar de quem está na periferia, que conhece e compreende



“que defende a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira” (EG 56), gerando sempre mais desigualdade social e a conseqüente violência. Critica ainda os pressupostos epistemológicos que regem as relações sociais, como o individualismo, o consumismo e o relativismo, responsáveis pela desumanização da pessoa. Questiona os meios de comunicação social que, segundo o Papa, seguem sendo “na sua maior parte geridos por centros situados na parte norte do mundo” (EG 62) e que “nem sempre têm na devida conta as prioridades e os problemas próprios desses países e não respeitam a sua fisionomia cultural” (EG 62). O papa Francisco põe em evidência o fato de que os meios de comunicação são instrumentalizados como formas de dominação social, cultural, política e econômica.

Na exortação *Evangelii gaudium*, o papa Francisco ressalta a importância da relação interdependente entre fé e vida, que está raiz da teologia cristã. Conforme Francisco:

O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem nos salvar sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora (EG 178).

Nessa perspectiva teológica, a Salvação necessariamente passa pela vida concreta, pessoal e social, dos homens. Retomando a doutrina social da Igreja, o Papa argumenta que

[...] ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos (EG 181).

Partindo do pressuposto de que a fé deve incidir sobre a vida prática e sobre as relações que permeiam a sociedade, o Papa coloca em evidência dois aspectos fundamentais.

A inclusão social dos pobres: expressão da compreensão bíblica de que Deus é um Pai de misericórdia, que ouve e intercede em favor do seu oprimido. O clamor por justiça e dignidade humana é entendido

como vivência da fidelidade evangélica, o que permite identificar o “lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus” (EG 197).

A paz e o diálogo social: entendendo que a paz não é simplesmente a ausência de violência, mas resultado da conquista da dignidade humana e da vivência do bem comum. É nessa perspectiva que o Papa enumera os quatro princípios que norteiam o seu pontificado: o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a ideia; e o todo é superior à parte.

Como se pode observar, os elementos fundamentais da teologia da libertação, que reconhece o pobre como lugar teológico nas diversas categorias de pobre, estão profundamente presentes na concepção teológica que fundamenta o magistério do papa Francisco.

## 2.2. *O sonho duma querida Amazônia*

Um dos documentos mais fortes, em termos de denúncia do sistema de colonialidade é a “Exortação Apostólica Querida Amazônia”, um documento inédito na história da Igreja, que traz em evidência uma questão local do Sul do Mundo, mas que é, ao mesmo tempo, uma questão global, pois os aspectos climáticos impactam diretamente no mundo. Já no início do documento, o Papa apresenta uma perspectiva utópica, quando afirma: “O nosso é o sonho duma Amazônia que integre e promova todos os seus habitantes, para poderem consolidar o ‘bem viver’” (QA 8). Ao utilizar o termo “bem-viver”, aponta para uma outra lógica de pensamento, que não pode ser compreendida a partir do neoliberalismo, no qual o acúmulo e o lucro ditam o modo de viver e chama a atenção para a possibilidade de um novo estilo de vida, diferente daquele ditado pelas grandes potências mundiais.

Para Alberto Acosta, “o bem-viver aparece como uma categoria na filosofia de vida das sociedades indígenas ancestrais, que perdeu espaço devido às práticas e mensagens da modernidade ocidental”<sup>16</sup>. O papa Francisco assume essa visão típica dos povos indígenas andinos especialmente com o desenvolvimento do Sínodo da Amazônia, o que se mostra evidente na Exortação Apostólica *Querida*

---

<sup>16</sup> A. ACOSTA, “El buen vivir, una utopía por (re) construir”, *Revista Casa de las Américas* 257 (2010) 33-46, 36.

*Amazônia*, ampliando assim, o seu pensamento decolonial na perspectiva dos povos periféricos.

O papa Francisco toma o cuidado de tratar a questão ambiental não de forma isolada, mas em conexão com a problemática social, pois estas duas dimensões andam juntas. Assumindo a perspectiva dos povos marginalizados, ele afirma:

Impõe-se um grito profético e um árduo empenho em prol dos mais pobres. Pois, apesar do desastre ecológico que a Amazônia enfrenta, deve-se notar que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”. Não serve um conservacionismo “que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos” (QA 8).

Nessa exortação, o Papa traz presente a história de escravidão, dominação e exploração que o território da Amazônia sofreu ao longo dos séculos e lembra que “a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia, não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QA 16). O papa Francisco convida ainda, a uma “sã indignação”, de modo que, a situação de exploração não seja encarada como normalidade, apontando a possibilidade “de superar as diferentes mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e desenvolvimento” (QA 17).

Do ponto de vista religioso, o papa Francisco faz uma análise crítica, reconhece que muitos religiosos deram e continuam dando a vida em defesa dos povos amazônicos, porém, reconhece também que muitos missionários “nem sempre estiveram do lado dos oprimidos”, e afirma:

Mais uma vez “peço humildemente perdão, não só pelas ofensas da própria Igreja, mas também pelos crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América” e pelos crimes atrozes que se seguiram ao longo de toda a história da Amazônia (QA 19).

Numa perspectiva decolonial, o Papa ressalta a importância das tradições locais, o valor do diálogo e da vida comunitária que os povos indígenas portam consigo, a riqueza das narrativas, a cosmovisão que permeia suas culturas e que transmitem a possibilidade de viver de

forma mais harmônica com o meio ambiente e com o outro. Numa visão realista do mundo, considera que é inevitável o encontro cultural e esse encontro põe em evidência os limites da cultura local e também os limites da cultura ocidental que ali chega. Não existe uma cultura pura, “estática, a-histórica”. Segundo o Papa, “a identidade e o diálogo não são inimigos”, a identidade cultural é enriquecida quando prevalece a cultura do diálogo e do respeito ao outro. A mestiçagem faz parte da cultura latino-americano, é inevitável, porém, isso não significa que se deva consentir e fechar os olhos à “invasão cultural”, que ridiculariza, atrofia, nega e desvaloriza as culturas dos povos tradicionais.

É muito forte a compreensão de integralidade da pessoa, que na visão do papa Francisco, carrega o Evangelho. Na Querida Amazônia, o papa Francisco deixa muito evidente a influência que tem da teologia latino-americana, que tem como opção preferencial o pobre. Segundo o pontífice,

a autêntica opção pelos mais pobres e abandonados, ao mesmo tempo que nos impele a libertá-los da miséria material e defender os seus direitos, implica propor-lhes a amizade com o Senhor que os promove e dignifica. Seria triste se recebessem de nós um código de doutrinas ou um imperativo moral, mas não o grande anúncio salvífico, aquele grito missionário que visa o coração e dá sentido a todo o resto (QA 63).

Se o amor fraterno está na base do querigma, a dimensão espiritual não pode ser dissociada da dimensão social, negar o compromisso social, seria viver uma fé alienante e individualista, contrária à prática e aos ensinamentos de Jesus de Nazaré.

### 2.3. Do paradigma tecnocrático ao cuidado com a Casa Comum

Na encíclica *Laudato si'*, o papa Francisco expõe de forma ampla o problema da globalização e do paradigma tecnocrático. Não é uma postura conservadora diante dos avanços científicos, que permitiram tantas conquistas e desenvolvimento às sociedades, mas é uma crítica sobre “o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional” (LS 106). Sua crítica é direcionada à unidimensionalidade da razão tecnicista, regida pela lógica do domínio e da

exploração e à aplicação do paradigma tecnocrático na economia e na política. Segundo ele,

a economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano. A finança sufoca a economia real. Não se aprendeu a lição da crise financeira mundial e, muito lentamente, se aprende a lição do deterioramento ambiental (LS 109).

Francisco é um crítico muito forte da economia de mercado e defende que é uma ilusão acreditar que o simples progresso econômico possa trazer maior equidade ou resolver os sérios problemas que o mundo atual enfrenta:

O mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social. Entretanto, temos um “superdesenvolvimento dissipador e consumista que contrasta, de modo inadmissível, com perduráveis situações de miséria desumanizadora”, mas não se criam, de forma suficientemente rápida, instituições econômicas e programas sociais que permitam aos pobres terem regularmente acesso aos recursos básicos. Não temos suficiente consciência de quais sejam as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais: estes têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico (LS 109).

Do ponto de vista epistemológico, o Papa critica a dificuldade atual de ver as coisas em sua totalidade, a fragmentação do saber não permite um olhar sobre a complexidade dos problemas, de modo que, as ações propostas não chegam às raízes das grandes questões. Nessa ótica, ao falar da crise ambiental, aponta a necessidade de ter presente a pluralidade dos saberes, afirmando:

Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece, é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial (LS 111).

Diante desse contexto, Francisco defende “um progresso diferente, mais saudável, mais humano, mais integral” (LS 112), em que o viver bem, não seja sinônimo de maior lucro. Segundo o seu pensamento, a ciência e a tecnologia não são neutras, estão sempre ligadas aos interesses de quem as domina. Não é possível nem desejável voltar à Idade da Pedra, mas é possível caminhar em outra direção, mais humana e sustentável.

Outro aspecto importante que o papa Francisco assinala é a compreensão de que a crise ambiental de hoje é reflexo e caminha junto com uma crise antropológica, fazendo uma análise mais ampla da questão. Assim:

Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludirmos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais (LS 119).

Essa crise antropológica precisa ser compreendida no contexto da cultura relativista que está alinhada ao pensamento neoliberal. A falta de princípios estáveis e universais é o que faz com as pessoas sejam descartadas e usadas como objeto de consumo, reforçando o problema da cultura do descartável, do “usa e joga fora”, pelo simples desejo de consumir mais. Desse modo, o Papa defende que o problema ambiental só será resolvido se houver um interesse comum, uma atitude dialógica que possibilite discutir as condições de vida, os modelos de desenvolvimento, de produção e de consumo. Esse processo inclui também pensar numa ecologia cultural, que permita um maior respeito às diferentes culturas, acolhendo diferentes visões de mundo, tendo vista uma perspectiva de humanização, de abertura ao outro e de fraternidade universal.

Do ponto de vista teológico o papa Francisco resgata a sabedoria das narrações bíblicas dando ênfase à tradição judaico-cristã que apresenta a criação como um projeto de amor de Deus. Um amor incondicional que abarca todos os seres e tudo o que existe em vista de uma comunhão universal. No último capítulo da *Laudato si'*, o Papa aprofunda as dimensões da educação e da espiritualidade ecológica, apresentando caminhos de diálogo que permitem sair da espiral de autodestruição que ameaça o planeta e a humanidade.

Na visão de Francisco a espiritualidade ecológica é um processo de conversão em direção à dignidade humana e ao cuidado com a Casa Comum, o que significa um processo de decolonização. É um despir-se dos esquemas e modelos que promovem o individualismo, o consumismo, o utilitarismo e a maximização do lucro enquanto se incorpora, paulatinamente, um novo estilo de vida e relações, um estilo de vida que resgate a sacralidade da vida e o compromisso com o cuidado da criação.

#### 2.4. *Da relação de dominantes e dominados para a fraternidade universal*

Na sua encíclica mais recente, a *Fratelli tutti*, lançada em plena pandemia de Covid-19, o tema central que o papa Francisco aborda é a necessidade do desenvolvimento da fraternidade universal. Ao fazer um retrato da realidade atual em que descreve e critica o modelo racional, neoliberal, capitalista e eurocêntrico, o Papa levanta a voz sobre as novas formas de colonização cultural. Recuperando uma frase do cardeal chileno Raúl Silva Henríquez, proferida numa homilia em 18 de setembro de 1974, ele afirma:

Não nos esqueçamos de que “os povos que alienam a sua tradição e – por mania imitativa, violência imposta, imperdoável negligência ou apatia– toleram que se lhes roube a alma, perdem, juntamente com a própria fisionomia espiritual, a sua consistência moral e, por fim, a independência ideológica, econômica e política” (FT 14).

Para o Pontífice, a “crença no dogma de fé neoliberal” não é capaz de transformar a realidade de pobreza e miséria a que muitos são submetidos, é preciso abrir-se aos modelos de vida alternativos que surgem nos diferentes lugares do mundo. Mais do que pensar políticas para os pobres, é preciso criar e articular políticas com os pobres e dos pobres. Isso só acontecerá se houver um deslocamento da centralidade do lucro para centralidade da dignidade da pessoa.

Como caminho fundamental para chegar a um novo modelo de sociedade, o Papa insiste no diálogo como via de encontro. O diálogo de que ele fala, no entanto, é diferente da mera possibilidade de expressar as próprias opiniões numa rede social, o que acaba, muitas vezes, por “obstruir as possibilidades do diálogo, pois permite a cada um manter, intactas e sem variantes, as próprias ideias, interesses e

opções, desculpando-se com os erros alheios” (FT 201). Para Francisco, esse tipo de debate é manipulado de acordo com interesses econômicos, políticos e ideológicos que visam os próprios interesses e não o bem comum.

O papa Francisco reconhece que o mundo da comunicação digital trouxe muitos benefícios para a humanidade, porém, denuncia a sua instrumentalização e desumanização, argumentando:

As relações digitais, que dispensam da fadiga de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um “nós”; na verdade, habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis. A conexão digital não basta para lançar pontes, não é capaz de unir a humanidade (FT 43).

No cenário ilustrado pelo papa Francisco, a comunicação tem uma função especial para a concretização de uma mudança de rota dos sistemas mundiais. Para o Pontífice, o diálogo e o encontro são o único caminho possível para transformar a realidade de dominação e exploração que existe em nível mundial. Parece uma contradição, mas o mundo altamente midiático e saturado de informação é um mundo não dialógico, nesse contexto, “a conversação reduzir-se-á a meras negociações para que cada um possa agarrar todo o poder e as maiores vantagens possíveis, sem uma busca conjunta que gere bem comum” (FT 202). Os escritos do Papa apontam que quem alimenta e sustenta os sistemas de dominação é a comunicação midiática, responsável por criar necessidades, incentivar o consumo, ditar padrões de beleza e de comportamento, monopolizar as culturas globais e desenraizar as comunidades locais.

Nessa ótica, o diálogo não é a mera possibilidade de expressar a própria opinião, tem a ver com a capacidade de escuta, de compreender e aceitar um ponto de vista diferente do seu, ou então, de acolher o diferente que não pode ser assumido, mas respeitando-se a liberdade e a visão do outro. Segundo Francisco:

O debate público, se verdadeiramente der espaço a todos e não manipular nem ocultar informações, é um estímulo constante que permite alcançar de forma mais adequada a verdade ou, pelo menos,

exprimi-la melhor. Impede que os vários setores se instalem, cômodos e autossuficientes, na sua maneira de ver as coisas e nos seus interesses limitados (FT 203).

É interessante observar que na encíclica *Fratelli tutti*, o papa Francisco faz uma leitura teológica dos grandes problemas da humanidade. A partir da visão cristã, ele faz como que um raio X dos maiores problemas ecológicos, sociais, políticos, econômicos que, embora com particularidades próprias, são diferentes expressões de um estilo de vida que precisa ser superado. O bom samaritano é apresentado como o ícone da cultura do encontro, o estranho que não hesita em parar o caminho que estava seguindo para fazer-se próximo da pessoa que estava caída na beira do caminho. A teologia de Francisco parte das periferias do mundo e tem em vista a comunhão universal, rompendo com o sistema de colonização eurocêntrico e tecnocrático.

Diante de um mundo que rebaixa a fé ao âmbito privada e intimista, o papa Francisco reforça a necessidade de uma fé inculturada, ativa, capaz de dialogar com os grandes problemas do mundo e colaborar para que aconteça um giro decolonial. Segundo o Pontífice:

Temos de reconhecer que, “entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentés”. Não se pode admitir que, no debate público, só tenham voz os poderosos e os cientistas. Deve haver um lugar para a reflexão que provém de um fundo religioso que recolhe séculos de experiência e sabedoria (FT 275).

Frente a uma cultura que expulsa Deus da vida pública, o Papa convida todos os cristãos a viver o profetismo de inserirem-se nos debates atuais e a terem a coragem de propor e viver um estilo de vida alternativo, mais evangélico e mais fraterno.

### 3. Conclusões

Esses quatro documentos, aqui analisados brevemente, apresentam uma síntese do pensamento decolonial que perpassa o magistério do papa Francisco. Pode-se observar que, ao longo de suas reflexões, é desenvolvida uma crítica sistemática aos modelos políticos, econômicos e culturais dominantes, que se inter-relacionam, dando sustentação ao sistema de colonialidade que divide e distancia cada vez mais o centro da periferia do mundo. É muito significativa a contribuição que o papa Francisco dá em relação ao diálogo de saberes, seu pensamento complexo permite compreender a problemática comunicacional, ambiental, política, social, econômica e cultural de forma inter-relacionada e não isoladas.

Uma chave de leitura para pensar um novo estilo de relações que se sobressai em seus escritos, é a compreensão da realidade, entendida como um poliedro, imagem diversas vezes citadas nesses documentos. Tendo como referência a imagem do poliedro, o mundo não é uma esfera uniforme, homogênea, mas tem muitas faces, diferenças que enriquecem e chamam ao diálogo e ao encontro, no poliedro não tem centro ou periferia, superior e inferior, todas as partes são necessárias para formar o todo. Embora carregado de uma forte crítica sobre a realidade, seu pensamento traz a esperança de que é possível e urgente pensar um mundo marcado por um novo estilo de comunicação em direção a um futuro de maior humanização e solidariedade.

O estudo realizado evidencia a proximidade do pensamento de Papa com o pensamento decolonial que se consolida na América Latina. A experiência de vida e a base epistemológica que fundamentaram os seus estudos e o seu trabalho no contexto latino-americano, lhe permitem ser um porta-voz do Sul do Mundo, denunciando os sistemas de dominação e colonialidade que ainda perduram. O contato que possui com as diferentes realidades globais, a rede de relações que mantém pela capilarização da Igreja Católica e também pela expressividade do Estado do Vaticano no campo diplomático lhe conferem elementos muitos consistentes para discutir sobre os grandes problemas que a humanidade enfrenta. Sua voz em favor dos pobres e excluídos de hoje é uma profecia do mundo moderno e uma chamada aos grandes líderes mundiais e a todas as

peças de boa vontade para construir uma nova sociedade, que seja pautada pela humanização da pessoa, de modo que, o direito à vida e a dignidade de “todos” sem exceção” seja um sonho comum a ser alcançado.